

ESPAÇO PÚBLICO: A FEIRA COMO FORMA DE OCUPAÇÃO DO SOLO URBANO.

Gabriela L. Soares¹, Denise Antonucci²

1. Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-UPM)
2. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-UPM)

Resumo

Ao reconhecer a cidade contemporânea como resultado de um processo histórico, compreende-se como os espaços públicos são essenciais para a formação dos territórios urbanos, espaços da pluralidade que abrigam as diversas manifestações humanas. Considera-se, então, os espaços públicos como potências para a vida pública e social urbana.

Objetiva-se pesquisar a apropriação temporária dos espaços públicos urbanos e a ressignificação destes espaços por meio desses usos efêmeros. Assim, o estudo contempla a análise do território do Bexiga, na macro escala, e da Praça Dom Orione, da feira de Antiguidades e da feira Jardim Secreto que ocorrem, na escala local, além da transformação do ambiente da praça por meio das feiras. Em síntese, nota-se que apropriação efêmera de um espaço público ressignifica-o, e assim, potencializa o espaço como local de troca e convívio e incentiva novas experiências e percepções do espaço.

Palavras-chave: Apropriações efêmeras; ambiente temporário; ressignificação do espaço.

Apoio financeiro: PIBIC Mackenzie

Trabalho selecionado para a JNIC: UPM

Introdução

As apropriações do espaço público urbano estão presentes no dia a dia da cidade, as praças, os parques e as ruas são ocupados por diversas atividades, tanto em situações cotidianas como em eventos. Assim, é no espaço público que ocorre o contato com o outro e com a cidade. Atualmente em São Paulo, temos como exemplo a Avenida Paulista aos domingos, o Minhocão todas as noites e aos domingos, as feiras livres por todos os bairros da cidade, o carnaval de rua, as manifestações reivindicatórias. Estes usos transformam o espaço público urbano, mesmo que por um período determinado, e explicitam a importância das apropriações do espaço público para ativar a dinâmica urbana e a vida pública e social. Como afirma Calliari (2017) “[...] a experiência física de estar na rua, de ver outras pessoas, de caminhar e ir a lugares é insubstituível”.

Através da apropriação efêmera do espaço público, que carrega a intenção de usar o espaço de maneiras diferentes do convencional, que este pode ser ressignificado. Observa-se, com isso, a composição de um ambiente efêmero dentro do espaço público que ao mesmo tempo que estabelece relações com o espaço existente, possibilita novas experiências e percepções do espaço. Desta forma, compreender a ressignificação do espaço público por meio dos modos de apropriação do mesmo é reconhecer a potencialidade e o desempenho de um território urbano dentro de seu contexto. Portanto, frente ao cenário contemporâneo, questiona-se como as apropriações temporárias ressignificam o espaço público quando o ativam, com a intenção de reconhecer e compreender a potência dos espaços públicos da cidade como suporte para as atividades da vida pública e social urbana.

Com base nestas colocações, o estudo busca a compreensão da ocupação e apropriação dos espaços públicos urbanos e sua intervenção nas dinâmicas urbanas do território no contexto contemporâneo. Objetiva-se investigar o uso e a apropriação dos espaços públicos urbanos, a elaboração de um ambiente temporário e a ressignificação do espaço público por meio de apropriações efêmeras. Para isso, definiu-se como objeto de pesquisa o Bexiga, na macro escala, e a Praça Dom Orione, a feira de Antiguidades e a feira Jardim Secreto, na escala local.

Metodologia

A pesquisa apresenta-se como uma análise qualitativa que visa aprofundar a compreensão sobre a ocupação dos espaços públicos no contexto urbano a partir de um estudo de caso na cidade de São Paulo. Assim, a metodologia adotada se estrutura através das etapas de levantamento bibliográfico, estudo do objeto de pesquisa, levantamento iconográfico, visitas *in loco* e análise do objeto de pesquisa com a discussão dos resultados.

O levantamento bibliográfico inicial englobou um estudo mais abrangente sobre espaços públicos e sobre a produção dos espaços públicos em São Paulo, com autores como Lewis Mumford (1961), Lefebvre (2002) e Frúgoli Jr. (1995). Posteriormente a pesquisa e estudo sobre a apropriação dos espaços públicos por eventos temporários e sobre a arquitetura efêmera nestes eventos.

As etapas seguintes voltaram-se ao território do Bexiga e à Praça Dom Orione. O estudo sobre o objeto de pesquisa iniciou-se pela escala macro, através de uma aproximação ao contexto urbano da Praça Dom Orione, a região do Bexiga. Em seguida a pesquisa voltou-se à Praça e às feiras que a ocupam. Paralelamente

a realização do levantamento iconográfico e as visitas *in loco* como ferramentas essenciais para o estudo. A primeira etapa envolveu a pesquisa de mapas históricos disponíveis da região, assim como a pesquisa e produção de mapas atuais a partir do Mapa Digital da Cidade (MDC) e registros fotográficos *in loco* do objeto de estudo, a Praça Dom Orione e as feiras. A segunda a visita à Praça em dias sem feiras, assim como visitas durante a realização da Feira de Antiguidades e da Feira Jardim Secreto.

A etapa seguinte referia-se a análise dos estudos e dados obtidos sobre o objeto confrontando com o referencial bibliográfico estudado. Assim, analisou-se o suporte físico da Praça Dom Orione, as feiras, a ocupação do espaço público por meio das duas feiras e a transformação do espaço público.

Resultados e Discussão

A região do Bexiga, no bairro da Bela Vista, São Paulo, localizada na região central da cidade, é reconhecida por sua importância como patrimônio histórico e cultural, que, em 2002, implicou o tombamento integral da área. Por isso a proposta de uma aproximação empírica ao território através da leitura de mapas que permitem uma análise morfológica, tanto da situação atual como das transformações ao longo dos anos.

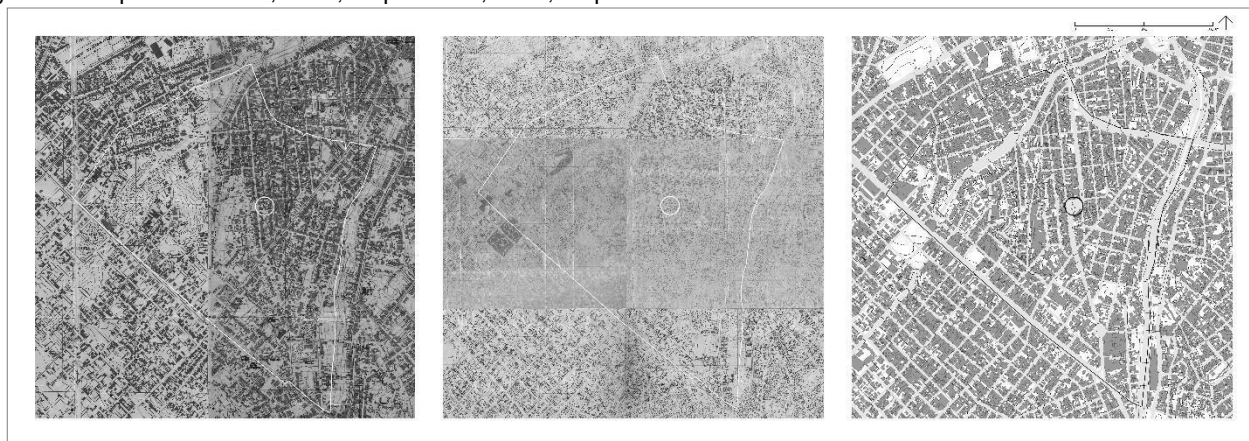
Já em 1930, como mostra o mapa Sara Brasil (figura 1), observa-se o loteamento da área, de 1878, mesma época que outros bairros de São Paulo, como Brás, Barra Funda e Moóca, com traçado ortogonal, quadras extensas e lotes de testada estreita, mas com grande profundidade, mesmo com a topografia acidentada da região. Na década de 1950, vemos, através do VASP (figura 1), que o bairro adensava enquanto mantinha as características gerais de ocupação, com exceção dos usos que se diversificaram.

A partir das décadas de 1960 e 1970, o bairro é submetido a algumas intervenções viárias de grande impacto no tecido urbano, que desconsideraram e se sobrepuseram ao tecido existente. Entre elas a construção do Viaduto Júlio de Mesquita Filho e uma série de intervenções na Rua Treze de Maio e na Rua Rui Barbosa, como o alargamento da Rui Barbosa, o encontro desta via com a Treze de Maio, demolindo-se quadras inteiras para tornar a intervenção possível, e o Viaduto Armando Puglisi. Mas é

[...] nos tecidos residuais desta intervenção, que foi construída a pequena praça Dom Orione. Por ser praticamente a única do bairro, é hoje importante local de socialização dos moradores. Mesmo porque está ao pé da Escadão, como era conhecida a escada da rua Treze de Maio, que, além de sua importância como elemento de circulação, tem um papel afetivo muito forte, e portanto simbólico, no bairro (PAES, 1999, p. 65).

A configuração atual do bairro é resultante de todo esse processo histórico, que revela a permanência do desenho das quadras, lotes e das edificações. “Dessa forma, percebe-se que a forma urbana traduz o registro da história das ações civis e públicas e que delas pode-se apreender qual ideologia norteou a ocupação do solo ao longo do tempo” (COSTA; NETTO, 2015, p. 32).

Figura 1 – Mapa Sara Brasil, 1930; Mapa VASP, 1954; Mapa atual



Fonte: Geosampa, 2019, modificado pela autora

Destaca-se a proporção das áreas livres em contraponto às ocupadas no território, que tem a Praça Dom Orione como um dos únicos espaços livres do bairro. Assim é possível identificar, através dos dados obtidos no Mapa Digital da Cidade, que no bairro Bela Vista, um recorte territorial de 2,84 km², 1,31 km² (46,09%) corresponde a área construída e 1,53 km² (53,91%) a área livre e que 2,01 km² (70,75%) a área privada e 0,83 km² (29,25%) a área pública do território. Além disso, revela-se a importância de distinguir o quanto da área pública disponível no território é leito carroçável e o quanto é área acessível e própria para uso e ocupação de pedestres. Identifica-se que da área pública disponível a maior parte é leito carroçável, 67,73% contra 32,27% de calçadas, incluindo praças e canteiros.

Neste cenário, questiona-se o que essa configuração do território urbano implica à vida pública da cidade. Logo, como esses espaços permitem que as pessoas os usem e os ocupem. E, assim, pontua-se a importância da Praça Dom Orione como um dos únicos espaços livres da região, com aproximadamente 5264,60m². Criada a partir de um rastro da intervenção viária, sem intenção de valorização do espaço público e coletivo, o uso e a ocupação da Praça Dom Orione ressignifica o território e essa dinâmica urbana e transforma-a em um espaço coletivo que abriga eventos que, hoje, fazem parte do bairro e da herança cultural deste território urbano.

Entre os diversos acontecimentos na Praça Dom Orione, a apropriação do espaço pelas feiras é o foco do estudo. Segundo Franco et al. (2019), a feira livre é “[...] exemplo de um tipo de comércio que é tão antigo quanto a própria ideia de cidade – entendida como lugar de encontro e de troca” e “sua permanência na metrópole

contemporânea talvez se deva, justamente, a este caráter fluído, de grande capacidade de adaptação [...]”. Deste modo, as feiras são compreendidas como ocupações efêmeras do espaço público, como uma “espécie de “evento urbano” cuja presença na cidade é uma variável do tempo” (FRANCO et al., 2019). Assim, a pesquisa se realiza pelo estudo de duas feiras que ocorrem na Praça: a feira de Antiguidades e a feira Jardim Secreto.

A Feira de Antiguidades (figura 2) ocorre semanalmente desde 1984. Todos os domingos a Praça Dom Orione é transformada com a montagem de barracas de cerca de 200 expositores de peças de antiguidades (Portal do Bixiga, 2019). Assim, a feira já é uma tradição, uma herança cultural e histórica da ocupação deste solo urbano. Já a organização da Feira Jardim Secreto (figura 3) ocorre desde 2013 em diversos espaços da cidade, mas somente a partir de 2016 que na Praça Dom Orione. A proposta é de ser uma feira de pequenos produtores que explora a diversidade de trabalhos manuais e que estimule o consumo consciente, apresentando cerca de 200 expositores. Até 2019, a feira não tinha uma periodicidade definida e acontecia aos sábados ou feriados. Atualmente, com o crescimento da feira e do público, ocorre uma vez por mês, aos sábados (Feira Jardim Secreto, 2018).

Figura 2 – Feira de Antiguidades



Fonte: Acervo pessoal, 2018

Figura 3 – Feira de Antiguidades



Fonte: Acervo pessoal, 2018

É característico desta apropriação a montagem de barracas que estabelecem relações com o espaço da praça a fim de atribuí-lhe outros aspectos (COSTA, 2015) e permitem a configuração do local de comércio. Assim as estruturas instaladas atuam “[...] como instrumento para conceder ao espaço urbano novas nuances de maneira intencional: junto com seu contexto ela propõe uma nova significação urbana” (COSTA, 2015, p. 54). Considerando que a Praça Dom Orione é o suporte físico da apropriação e que o próprio espaço fornece os dados para a sua ocupação, observa-se que as feiras ocupam as calçadas e as áreas de percursos da praça, ou seja, aqueles estabelecidos pelo espaço como possíveis para tal. Desta forma, torna-se essencial compreender que as estruturas temporárias e o espaço preexistente são indissociáveis na estruturação de um ambiente efêmero. Como pontuam Schramm e Lima (2005), “a cidade “permanente” interage constantemente com uma cidade “flutuante”, feita de espaços e arquiteturas instáveis”.

Com os percursos ocupados por barracas, a experiência na praça é outra com as feiras, visto que a percepção do espaço e os estímulos gerados por este novo ambiente são diferentes do cotidiano. Então, a apropriação de um espaço público urbano por meio de um evento ou uma intervenção temporária implica a transformação do espaço, que através de mudanças físicas e perceptivas, estabelece um ambiente efêmero dentro da área pública e muda a atmosfera do espaço público urbano (COSTA, 2015).

[...] Mesmo que não sejam intencionais, essas sensações são consequências diretas da implantação deste ambiente efêmero. O usuário muito provavelmente não pondera sobre o que está sentindo, mas é evidente que as sensações neste ambiente labiríntico são diametralmente opostas às sensações experimentadas na Praça (COSTA, 2015, p. 144).

Deste modo, pode-se afirmar que a transformação do espaço é física, pelas barracas e pela presença das pessoas, e sensorial, pelos sons, cheiros e sensações que o lugar transformado possibilita. É, então, “[...] uma microrregião amalgamada por tudo aquilo que é inerente à sua atividade [...]” (COSTA, 2015, p. 142). Assim, todos os fatores, o suporte físico, as estruturas efêmeras, o uso, as pessoas, são essenciais para a transformação da atmosfera do espaço público urbano e para o estabelecimento de um ambiente efêmero que, por consequência, alteram a percepção do espaço.

A apropriação por vezes extrapola os limites físicos da praça. Durante a feira de antiguidades é comum observar comerciantes ocupando as calçadas do entorno da praça com produtos expostos em tecidos no chão e a Escadaria frequentemente tem seus degraus usados como espaço para descansar. Mesmo que não seja diretamente uma ocupação da feira, as pessoas começam a se apropriar de mais espaços públicos do entorno. Então a apropriação de um espaço público urbano estimula o uso deste espaço e dos adjacentes e, com isso, influencia na dinâmica urbana do território.

Considerando o conceito de heterotopias colocado por Lefebvre (2002), a criação de um outro ambiente dentro do espaço público pode ser vista como o outro lugar, aquele em que “[...] uma diferença que o caracteriza, situando-o (situando-se) em relação ao lugar inicialmente considerado” (LEFEBVRE, 2002, p. 45). Portanto, compreende-se que o espaço é ressignificado quando, através do amálgama de ações e suportes, cria-se um novo ambiente dentro do espaço urbano que proporciona outras experiências e estimula a vida pública e social e a relação com a cidade.

Conclusões

A fim de refletir sobre o papel dos espaços públicos na cidade contemporânea, a pesquisa buscou a compreensão das dinâmicas de apropriação e resignificação do espaço público. A partir da análise do tecido urbano e da formação do espaços públicos, entende-se como estes revelam a história, a cultura e os usos do território e influenciam diretamente nos usos e apropriações dos espaços públicos. Nesta pesquisa, a ocupação da Praça Dom Orione por duas feiras, eventos de caráter temporário.

Ainda que as duas feiras apresentem intenções e públicos diferentes, uma delas já é tradição do bairro enquanto a outra é uma atividade mais recente, elas ocupam o mesmo território urbano e as duas ativam-no com suas propostas. Com isso, torna-se evidente a potência dos espaços públicos urbanos - espaços de múltiplas possibilidades.

O uso do espaço pelas feiras transforma a praça em local de troca e encontro enquanto a própria feira atua como estímulo para a permanência no ambiente da Praça Dom Orione e para o estabelecimento de relação com o espaço público. Deste modo, as feiras como uma forma de ocupação do solo urbano transformam e resignificam este território, incentivando, assim, outros modos de usar o espaço e gerando possibilidades de novas experiências urbanas e relações humanas. Além disso, essa ocupação do espaço público ativa o espaço urbano e impacta a dinâmica urbana da região, visto que são eventos de caráter público que atraem pessoas de fora do bairro. Assim, não só a praça e os espaços adjacentes são ocupados, todo o bairro sofre influência em dias que as feiras ocorrem. Ao ativar a vida pública e coletiva e ao influenciar a dinâmica urbana do entorno, o espaço é potencializado como local de troca, encontro e convívio. Ao resignificar o espaço público, propõe-se uma outra maneira de ocupá-lo e gera-se outras possibilidades de experiências e percepções daquele local.

Referências bibliográficas

A FEIRA. Disponível em: <<https://www.feirajardimsecreto.com.br/feira>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

CALLIARI, Mauro. **São Paulo. A única certeza do futuro é a incerteza.** 2017. Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/post/sao-paulo.-a-unica-certeza-do-futuro-e-a-incerteza.>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

COSTA, Vitor Mesquita Bríngel da. **Efemeridade na arquitetura:** a alternância de significado dos espaços públicos do centro paulistano na "Virada Cultural". 2015. Dissertação (Mestrado). PPGAU. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2834>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de morfologia urbana.** Belo Horizonte: C/arte, 2015.

FEIRA de Antiguidades. Disponível em: <<http://www.portaldobixiga.com.br/feira-de-antiguidades/>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquitetura Revista**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.31-48, jun. 2012. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2012.81.05>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

FRANCO, Fernando de Mello et al. **São Paulo: redes e lugares:** Representação brasileira na 10ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza. Disponível em: <<http://m.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.077/307>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

FRÚGOLI JR, Heitor. **São Paulo:** espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995. 111 p.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 2002. 178 p.

MUMFORD, Lewis. **A cultura das cidades.** Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1961. 741 p.

PAES, Célia da Rocha. **Bexiga e seus territórios.** 1999. 84 f. Dissertação (Mestrado) em Estruturas Ambientais Urbanas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1999.

SCHRAMM, Mônica; LIMA, Beatriz de Abreu e. **Captar o efêmero.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 058.11, Vitruvius, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.058/495>>. Acesso em: 03 jul. 2019.